

1

“Irmãos, o bom desejo do meu coração e a (minha) oração a Deus por Israel é para sua salvação. Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento” (Romanos 10.1,2).

Em nossa consideração desta grande Epístola aos Romanos, chegamos ao capítulo dez. É uma parte distinta daquela divisão maior que inclui também os capítulos 9¹ e 11. Nestes três capítulos Paulo, tendo completado a sua exposição sobre a fé cristã, ocupa-se da questão geral da situação dos judeus.

Vimos que havia duas principais razões para ele fazer isso. Uma, naturalmente, era o fato de que os judeus como nação estavam fora da Igreja Cristã. Um pequeno número tinha entrado, porém a maioria estava fora, ao passo que os gentios, dentre todos, multiplicavam-se na Igreja. A segunda razão era que o fato dos judeus estarem fora parecia a alguns levantar dúvida sobre se as promessas de Deus com base nas quais o apóstolo estivera elaborando o seu argumento no fim do capítulo 8 eram afinal tão certas como ele entendia.

Por isso, o apóstolo incumbe-se dessa questão e trata dela nestes três capítulos. No capítulo 9 vimos que o principal ensino de Paulo é que a salvação é algo que depende inteiramente do propósito de Deus. Antes da criação do mundo e do homem, Deus concebeu o propósito de salvar muitos daqueles que estavam sob a Queda, e ele o faz de acordo com a sua eleição deles. Vê-se isso no versículo 11: “Para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama”. Logo, não há mais nada a dizer. A salvação é inteiramente obra de Deus. Os homens e as mulheres nunca poderão se orgulhar de

¹ Ver: *Romanos: Exposição sobre capítulo 9: O soberano propósito de Deus*, (PES), São Paulo, 2002.

que se salvaram a si mesmos; nem mesmo a sua fé os salva. É Deus que salva, e o apóstolo dedica o conteúdo geral do capítulo 9 a uma explicação e defesa dessa grande e elevada doutrina.

Todavia há outro lado da verdade exposta naquele capítulo. Em sua parte final, Paulo se refere ao fato de que os judeus, em contraste com os gentios, não tinham obtido a justiça de Deus. Isso por causa da incredulidade deles. Portanto, se um homem é salvo, é porque Deus o salvou. Mas, se um homem se perde, isso deve ser atribuído à sua rejeição do evangelho e à sua rebelião contra o plano divino de salvação. É no capítulo 10 que o apóstolo se ocupa do segundo ponto. Ao fazê-lo, ele o explica mais completamente e também mantém o equilíbrio das Escrituras.

A seguir, depois que terminar isso, o que fará no fim do capítulo 10, Paulo voltará, no início do capítulo 11, a este mesmo tema, que é o propósito de Deus para judeus e gentios. Ele retornará ao grande plano de salvação indo até à consumação final e encerrando com aquela tremenda aclamação: “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como da ciência de Deus...”.

Esse é, pois, o cenário do capítulo 10. Vocês poderiam dizer, vendo os capítulos 9, 10 e 11, como um todo, que o capítulo 10 é quase uma espécie de parêntese. É, por assim dizer, um ampliado comentário sobre os versículos 32 e 33 do capítulo 9. Assim, o cenário é muito importante, e vocês podem notar que ele começa os três capítulos com o mesmo tipo de fórmula na qual se refere à incredulidade do povo judeu. No capítulo 9, ele diz: “Tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne”. Aqui, no capítulo 10, ele diz: “Irmãos, o bom desejo do meu coração e a (minha) oração a Deus por Israel é para sua salvação”. No início do capítulo 11, ele o coloca na forma de uma pergunta: “Porventura rejeitou Deus o seu povo?”

Esse é o cenário. Façamos agora uma análise geral do conteúdo do capítulo todo, para que, quando o examinarmos versículo por versículo, estejamos tomando cada porção à luz do argumento completo. Sugiro, pois, que vocês subdividam o capítulo da seguinte maneira:

Primeiro, os versículos 1 e 2, nos quais o apóstolo faz de novo estas referências repassadas de amor aos seus concidadãos, os judeus, e expressa o seu sincero desejo concernente a eles.

Os versículos 3 e 4 são a próxima divisão. Aqui Paulo torna a lembrar-nos por que os judeus estão fora – por não entenderem o plano de salvação e como o homem pode ser reto perante Deus. Foi tudo por causa do seu entendimento fatalmente errôneo e da sua errônea interpretação da lei.

A seção subsequente é do versículo 5 ao versículo 10, onde Paulo nos oferece uma comparação e um contraste entre a lei e o evangelho como caminhos da justiça. Isso é sumamente esclarecedor. Ele compara e contrasta os dois caminhos – o caminho seguido pelos judeus, o da lei, e o caminho cristão, o do evangelho.

Depois, nos versículos 11 a 13, Paulo assinala que o caminho do evangelho, sendo o que é, é um caminho aberto para todos – para gentios bem como para judeus. Se a salvação fosse por meio da lei, os gentios seriam excluídos, porque não lhes fora dada a lei; mas a salvação não é por meio da lei, e sim por outro meio, e então está aberta para os gentios como para os judeus.

A seguir, nos versículos 14 a 17 ele leva essa questão mais adiante e afirma que, em vista disso, a salvação é tanto para gentios como para judeus. Portanto, o evangelho deve ser pregado igualmente a judeus e gentios, e a salvação decorrente do evangelho deve ser oferecida aos gentios tanto quanto o é aos judeus. Na verdade, deve ser oferecida a todos.

Na última seção, versículos 18 a 21, o apóstolo assinala que, apesar do fato de que o evangelho é assim oferecido a todos, nem todos creem nele ou lhe obedecem ou o aceitam. E contudo, diz ele, não nos devemos surpreender com isso, porque tinha sido profetizado muito antes nas Escrituras.

Esse é o método de Paulo, e é muito parecido com o que ele tinha adotado no capítulo 9. Ele faz as suas asserções e lhes dá suporte com citações escriturísticas. Ele estabelece cada ponto com alguma citação do Antigo Testamento. Faz isso, não somente para provar que está certo, porém para expor ainda mais claramente a trágica cegueira dos judeus, que se gabavam do seu conhecimento das Escrituras e, todavia, eram tão cegos para o seu ensino.

Aí está, pois, a nossa análise do capítulo, e vocês notam que, na parte final dele Paulo nos leva de volta exatamente ao mesmo ponto no qual terminara o capítulo 9. Na conclusão daquele capítulo ele coloca diante de nós o extraordinário fato de que os judeus não creram, enquanto que os gentios creram, e no fim do capítulo 10 ele diz isso tudo mais uma vez.

Noutras palavras, com esta sua mente magistral, que sempre me faz pensar numa sinfonia de Beethoven, ele usa o seu método habitual. No fim do capítulo 9, ele põe um tema diante de nós. Neste capítulo, ele toma esse mesmo tema, desenvolve-o plenamente e conclui repetindo-o para poder ir adiante e tomar o seu argumento no começo do capítulo 11. É deveras fascinante observar a ação de uma grande mente como a do apóstolo Paulo e, vejam vocês, o ponto a que isso chega realmente é que, no capítulo 10, Paulo nos dá a doutrina da justificação pela fé somente – que é a grande tese do capítulo, sendo este um prolongamento do tratamento dado àquele ensino.

Contudo, nesta altura alguém poderá perguntar: “Mas, por que ele torna a fazer isso? Não é certo que ele havia tratado dessa doutrina de maneira perfeita e exaustiva nos capítulos 1 a 4? Por que ele volta a isso?” Esse questionamento é perfeitamente justo, e me parece que a resposta é a seguinte: naqueles capítulos ele nos apresentou esta doutrina de um modo, digamos, teológico. Ele enunciou grandes princípios de maneira geral e definitiva. Aqui, embora seja exatamente a mesma doutrina, ele a apresenta de maneira mais pastoral e prática, trazendo-a para mais perto de nós. E, naturalmente, isso é algo que Paulo gosta muito de fazer. Portanto, o ensino é aplicado muito mais no capítulo 10 do que nos capítulos 1 a 4, e, seguramente, essa é uma das razões para a repetição.

Mas há outra razão para isso. Paulo se repete de maneira tão clara, tão simples e tão direta como o faz por causa do seu grande interesse pastoral pelos judeus. Um pastor é como um bom professor ou como um pai sábio, e uma das primeiras coisas que um pai deve aprender é que não é suficiente dizer uma coisa uma só vez a uma criança, a seu filho. Se você ama o seu filho e deseja que ele saiba o que é certo e o que é errado, terá que dizer uma coisa uma vez e outra, e tornar a dizê-la, particularmente se você puder perceber que o filho não captou bem o ponto. E certamente você tem que ser muito paciente.

É isso que o apóstolo está fazendo aqui, e, portanto, se você abordar este capítulo achando que é desnecessário, estará admitindo que nada sabe sobre a obra pastoral. Você estará sendo meramente um teórico, um intelectualista. Você diz: “Mas eu sei tudo sobre a justificação. Dominei bem os capítulos 1 a 4 – não preciso deste!” Entretanto, espere e, antes de irmos muito mais longe, você verá que precisa seriamente dele.